

A SABEDORIA DIONISÍACA, INSTINTIVA E INCONSCIÊNTE, NA LINGUAGEM DO *PATHOS* FILOSÓFICO

THE DIONYSIAN WISDOM INSTINCTIVE AND UNCONSCIOUS IN THE LANGUAGE OF PHILOSOPHICAL *PATHOS*

Thiago Rodrigues¹

RESUMO: Busca-se com este estudo abordar o posicionamento de Nietzsche acerca da relação que se estabelece entre aquilo que o autor chamou de discurso normativo em detrimento do *páthos* filosófico, ou como prefere o pensador, a sabedoria dionisíaca em contraposição ao discurso apolíneo imperante. Neste decurso torna-se imperativo, portanto, destacar algumas das implicações que esta concepção acarreta sobre a educação na Modernidade e sua influência sobre a contemporaneidade, ou que ao menos deveriam acarretar. Sabe-se que a tradição ocidental acabou por privilegiar o discurso normativo do *lógos* racional em detrimento da intuição criadora, deste modo objetiva-se com este estudo levantar resgatar o debate acerca do papel da arte no contexto educacional. Mas antes se faz necessário uma pequena incursão no pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre, como uma forma de evidenciar a tese que fundamenta nossa argumentação, a saber, de que existe uma relação de simultânea insuficiência e complementaridade entre o registro da reflexão filosófica e da criação ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: *Páthos*. *Lógos*. Reflexão Filosófica. Criação Ficcional. Educação.

ABSTRACT: *The objective of this study is to address the placement of Nietzsche on the relationship established between what the author called of normative discourse at the expense of philosophical pathos, or as prefers the thinker, Dionysian wisdom in contrast to the prevailing talk Apollonian. In this course becomes imperative, therefore, highlight some of the implications that this entails on design education in Modernity and its influence on the contemporary, or at least should entail. It is known that the Western tradition every focus on the rational normative discourse of logos over the creative intuition in this way we aim to recover from this study raise the debate about the role of art in an educational context. But before you do need a small foray into existentialist thought Jean-Paul Sartre, as a way of showing the theory that underlies our argument, namely that there is a simultaneous failure relationship and complementarity between philosophical reflection record and fictional creation.*

KEYWORDS: *Pathos*. *Logos*. *Philosophical Reflection*. *Fictional Creation*. *Education*.

¹ Graduado em filosofia pelo Centro Universitário Assunção, especialização em Filosofia Contemporânea e História pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestrando na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

INTRODUÇÃO

Como se sabe, a filosofia nasce na Grécia com a “emancipação” do homem em relação ao discurso mitológico e, por consequência, com a eleição da razão como valor absoluto. Deste modo, os primeiros filósofos buscam respostas racionais e “científicas” para as principais questões que atormentavam seus pensamentos. Com os intelectualistas clássicos, – Sócrates, Platão e Aristóteles –, essa racionalização do conhecimento humano é conduzida ao extremo. Portanto, pode-se afirmar, com toda segurança, que o que caracteriza a filosofia dentro da tradição ocidental é a racionalidade.

Mas será mesmo que a filosofia só existe dentro dos limites da razão?

Partindo do registro imagético, que caracteriza especialmente a produção ficcional, busca-se um questionar o papel da supervalorização do *lógos* racional em detrimento do *páthos* filosófico. Ou melhor, questiona-se o papel do discurso racional dentro do decurso da história do pensamento filosófico no ocidente, e, a partir disso, busca-se então perscrutar os reflexos desse quadro na concepção de educação na contemporaneidade. Desse modo, a relação que se estabelece entre o pensamento rigoroso do discurso filosófico e a espontaneidade da criação ficcional parece se contraditar. E é, portanto, da ânsia por compreender o que caracteriza essa relação, e até que ponto o discurso racional dá conta de expressar o pensamento filosófico, que surge o tema deste estudo.

Como é sabido também, Nietzsche é um pensador paradigmático no que diz respeito a essa problemática, pois em sua filosofia os limites que separam a criação ficcional e o pensamento filosófico são muito tênues. Desse modo, é em Nietzsche que se busca

apoio para desenvolver essa breve reflexão, em especial, nos textos: *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música* e *Schopenhauer como Educador*. Neste percurso passaremos também, e mesmo que brevemente, por algo da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, tentaremos, por meio da análise do filósofo francês, explicitar a insuficiência da linguagem filosófica “pura”.

Em decorrência desta problemática, objetiva-se, portanto, defender a possibilidade de uma compreensão da arte como um elemento conciliatório entre esse dois âmbitos do conhecimento humano, a saber, a reflexão filosófica e a criação ficcional.

Posto que as questões levantadas remetem a problemas relacionados à educação, e visto a inegável crise² pelo qual passa nossas instituições educacionais, buscar-se-á, num segundo momento, relacionar essa reflexão acerca da relação entre arte e filosofia com a prática pedagógica.

“Povo miserável! É culpa minha se em vosso meio vaguei como uma cigana pelos campos e tenho de me esconder e disfarçar, como se eu fosse a pecadora e vós os meus juízes? Vede minha irmã, a Arte! Ela está como eu, caída entre bárbaros e não sabemos mais nos salvar. Aqui nos falta, é verdade, justa causa; mas os juízes diante dos quais encontraremos justiça têm também jurisdição sobre vós, e vos dirão: Tendes antes uma civilização, e então ficareis sabendo vós também o que a filosofia quer e pode.” (Nietzsche, *A Filosofia Trágica na Época dos Gregos*, §2)

Talvez a única maneira de se fazer filosofia seja eliminando o dualismo entre corpo e alma, ou melhor,

2 Não se negligencia os perigos de se depreciar a imagem do professor, portanto acredita-se que as questões levantadas visam explicitamente uma ação afirmativa e nunca reforçar o coro daqueles que simplesmente apontam a má qualidade de nossos professores sem refletir as implicações que essas críticas ocasionam. Para mais, ver: ALMEIDA, Danilo Di Manno de., *Subjetividade e Discurso da Qualidade Educacional: Contra a Difamação Docente*.



entre pensamento e vida. Se assim é, então nossas vivências, nossa biografia, é parte fundamental no processo filosófico.

Sendo assim, entende-se que uma das portas de entrada mais recorrentes para o pensamento filosófico seja, justamente, a criação ficcional, a criação artística. O que, destarte, faz levantar a questão acerca da pretensa objetividade e veracidade do discurso filosófico em detrimento do registro literário. É sabido, também, que para muitos há mais verdade em um poema do que numa tese defendida de forma objetiva através do discurso científico corrente. E vice-versa. A pergunta que se impõe então é: quais são os limites da linguagem filosófica? Até que ponto ela representa (ou poderia representar) a verdade? Qual é o alcance dessa objetividade requerida pelo registro científico?

Partindo desta problemática, cabe retomar a reflexão apresentada por Nietzsche no aforismo §13, de *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, no qual o filósofo, ao fazer uma crítica a Sócrates, acaba por tecer uma dura crítica a todo discurso normativo do *lógos* racional como um todo. Deste modo, com Sócrates, ao menos segundo a instigante reflexão nietzschiana, ocorre uma inversão fundamental. Aquilo que deveria orientar o saber humano, isto é, o instinto, passa a ser determinado pelo entendimento, ou seja, pelo discurso racional. Portanto, como diz o filósofo, “*Enquanto em todos os homens produtivos o instinto é precisamente a força criadora-afirmativa e a consciência se porta como crítica e dissuasiva, em Sócrates é o instinto que se torna crítico e a consciência, criadora [...]*”.³ Deste modo, a tradição filosófica ocidental teria privilegiado o discurso racional em detrimento do instinto criador.

Parece que aqui é posto um novo dualismo, só que agora entre entendimento e instinto, o que, em Nietzsche, aparece representado nas figuras, ambivalentes, de Apolo e Dioniso. No entanto, se não há se-

paração entre vida e pensamento também não existe separação entre o apolíneo e o dionisíaco, o que ocorre, ou melhor, o que acabou ocorrendo no decorrer da história do ocidente, foi a supervalorização do âmbito racional da existência em detrimento da intuição ou da “irracionalidade”.

Mas o que são esses dois âmbitos da existência, o *lógos* racional e o instinto criador-afirmativo?

Não nos deteremos no que diz respeito ao *lógos* racional – expresso aqui pelo termo “entendimento” tal como proposto por Kant dentro da perspectiva Iluminista e que, portanto, refere-se ao discurso racional e normativo – por se tratar da maneira como convencionalmente nos aproximamos do saber humano dentro da tradição ocidental.

Em contraposição ao *lógos* racional é pertinente desenvolver um pouco a noção de “*páthos filosófico*”. Ora, se o *lógos* racional aparece como discurso normativo, o *pathos* filosófico representa a força criadora-afirmativa. Vinculado à sensibilidade e ao âmbito irracional do saber humano o *pathos* filosófico talvez encontre na arte sua dimensão privilegiada para manifestar-se.

Parece então, que através da sensibilidade do registro ficcional (artístico) podemos expressar algo para além daquilo que o entendimento é capaz de expressar. Assim, a angústia diante da morte expressa em *A Morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, por exemplo, não encontra paralelo dentro da perspectiva cientificista da filosofia racionalista. E isso não significa que o *pathos* filosófico desqualifique o *lógos* racional, mas antes, que através dele podemos comunicar o “incomunicável”, podemos ir mais além. O que se sugere aqui é uma relação de complementaridade entre o discurso científico da razão normativa e a intuição imagética da criação ficcional. Nesse sentido a perspectiva proposta encontra ecos desde Platão, com a ficcionalidade de seus diálogos, chegando a autores no qual essa rela-

3 NIETZSCHE, *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, p. 12, §13.



ção é explícita, como Schopenhauer e o próprio Nietzsche. Interessa aqui, no entanto, com a intenção de ilustrar nossa tese, passar, mesmo que brevemente, pela filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre. Cabe citar o filósofo francês, quando este defende que a filosofia de sua época deve ser uma filosofia dramática, o que denota a referida interdependência dos registros: acadêmicos e ficcional. Diz ele:

Hoje, penso que a filosofia é dramática. Não se trata mais de contemplar a imobilidade das substâncias que são o que são, nem de encontrar as regras de uma sucessão de fenômenos. Trata-se do homem – que é ao mesmo tempo um *agente* e um *ator* – que produz e representa seu drama, **vivendo as contradições de sua situação** até o estilhaçamento de sua pessoa ou até a solução de seus conflitos. Uma peça de teatro (épico – como as de Brecht – ou dramático) é a forma mais apropriada, hoje, para mostrar o homem *em ato* (ou seja, o homem, simplesmente). E a filosofia, de um outro ponto de vista, pretende se ocupar deste homem. É por isso que o teatro é filosófico e a filosofia é dramática.⁴

Do mesmo modo que o teatro – como enfatiza Sartre na citação acima –, a literatura,⁵ em especial a prosa, se ocupa do homem concretamente. Em ambos, a dramaticidade⁶ da existência é diretamente enfrentada; em ambos, não seria exagero dizer, o

homem encontra-se em ato. À medida que a filosofia fenomenológica reconhece que seu tema não é outro senão aquele encenado nos palcos e abraçado pela literatura, a conexão com a história, que é imanente aos romances e às artes cênicas, torna-se também sua. Nesse sentido, o comentário de Franklin Leopoldo e Silva, em um interessante artigo acerca da relação entre os romances de Sartre e sua filosofia, vem ao encontro da perspectiva que procuramos defender aqui: *“Penso que não nos desviaríamos do pensamento de Sartre se entendêssemos que aquilo que aqui é dito a respeito do teatro pode ser dito de toda a literatura: a literatura é filosófica e a filosofia é dramática”*.⁷ Atentemos para a última afirmação do comentador, a qual nos instiga a pensar que há algo de filosófico na literatura, assim como há algo de literário na filosofia, mesmo que as diferenças entre as duas não se dissipem. Expliquemos. Ao problematizar a concretude da existência, ou seja, ao dramatizar, a literatura – como o teatro – revela uma dimensão que não deixa de se aproximar da filosofia, sem que deixe de ser literatura. O mesmo poderia ser dito a respeito de uma filosofia que toma a existência como objeto primordial. Mais precisamente, a oposição entre cada homem e a história, entre a liberdade – no exercício da qual os homens são forçados a atuarem como autores de si mesmos – e as circunstâncias objetivantes que a constroem, ou seja, o drama da existência comumente presente nas obras literárias, e mais plenamente na literatura contemporânea a Sartre, torna-se intrínseco ao pensar

4 SARTRE, Jean-Paul, *Les Écrivains en Personne*, p. 13. Grifo nosso. *“Aujourd’hui, je pense que la philosophie est dramatique. Il ne s’agit plus de contempler l’immobilité des substances qui sont ce qu’elles sont, ni de trouver les règles d’une succession de phénomènes. Il s’agit de l’homme - qui est à la fois un agent et un acteur - qui produit et joue son drame, en vivant les contradictions de sa situation jusqu’à l’éclatement de sa personne ou jusqu’à la solutions de ses conflits. Une pièce de théâtre (épique - comme celles de Brecht - ou dramatique), c’est la forme la plus appropriée, aujourd’hui, pour montrer l’homme en acte (c’est-à-dire l’homme, tout simplement). Et la philosophie, d’un autre point de vue, c’est de cet homme-là qu’elle prétend s’occuper. C’est pour cela que le théâtre est philosophique et que la philosophie est dramatique”* (nossa tradução).

5 Excetuando-se o caso da poesia que não exerce a mesma função que a prosa e o teatro dentro da criação ficcional.

6 A referência à dramaticidade em Sartre visa ressaltar o caráter dramático que a existência adquire na filosofia existencialista e, mais que isso busca frisar a necessidade ao filósofo existencialista de lançar mão da criação ficcional.

7 LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Romance e Filosofia no Existencialismo de Sartre*, p. 76.



filosófico. Ao refletir acerca desses dilemas concretos, a filosofia torna-se dramática – ainda que não coincida com o estilo literário do drama. De fato, não há, num texto filosófico, personagens em perpétua tensão, não há o esforço artístico de ficcionalizar o dilema entre a liberdade e os limites impostos pela história, ou seja, não há o empenho em se criar situações de dramaticidade, tal como ocorre na criação literária. O que atesta, o afastamento entre a literatura e a filosofia. Inequivocamente, entretanto, o objeto comum estabelece entre elas uma intrigante complementaridade, a despeito da diferença de forma com que se debruçam sobre ele; diferença que não deixa, por vezes de ser transgredida operando-se um contágio dos estilos: “[...] *daí a presença de elementos literários em O ser e o nada, por exemplo, e a presença de elementos filosóficos nas obras de ficção, como acontece nos textos de Os caminhos da liberdade*”.⁸

Daí que Leopoldo e Silva consideram que a relação entre literatura e filosofia na obra de Sartre se caracterize por uma “*vizinhança comunicante*”, o que torna necessário tomar sua obra filosófica conjuntamente com sua obra literária. Isto, nas palavras do comentarador, significa que:

Entendemos que o centro de irradiação desse projeto determina a relação entre filosofia e literatura como uma *vizinhança comunicante*, e é responsável pela diferença e pela adequação recíproca dos dois modos da dualidade expressiva. Com isso, queremos dizer que a expressão filosófica e a expressão literária são ambas necessárias em Sartre porque, por meio delas, o autor *diz e não diz as mesmas coisas*.⁹

Deparamo-nos, enfim, com a interdependência

ou com o enlace entre literatura e filosofia na obra de Sartre. Nesta relação de verdadeira coexistência entre ambas, digamos assim, a “*experiência ficcional*” desempenha o papel de particularizar conceitos universais, enquanto que a “*reflexão filosófica*”, por sua vez, universaliza a situação particular, ressaltando a noção de historicidade. Entreveremos aqui o tema da separação entre a ontologia fenomenológica de Sartre e a metafísica tradicional. Mais do que se ocupar com as implicações entre o âmbito abstrato conceitual e o âmbito particular concreto – coisa que a própria fenomenologia, em certa medida, já realiza – o que a criação ficcional faz é retirar o próprio indivíduo do âmbito abstrato e lançá-lo em sua situação concreta e particular. É por isso que, por intermédio da literatura e da filosofia, Sartre “*diz e não diz as mesmas coisas*”. Se a literatura expressa o universal concretamente, ela simultaneamente explicita o caráter contingente da existência humana, o que implica retirá-lo do âmbito abstrato em que a filosofia o lançou. O ponto de partida da criação ficcional é a experiência subjetiva, ou seja, a situação concreta em que o homem se encontra face a face com sua existência particular. Entretanto, ao se explicitar na existência concreta, o particular focado pela criação literária remete-nos à universalidade da situação objetiva que concerne a todos os homens. É por isso que o comentarador sustenta: “*a compreensão das vivências individuais pela via da ficção só atinge o plano da existência concreta porque insere o drama existencial particular na estrutura universal do ser da consciência*”.¹⁰ Acreditamos que esta brevíssima incursão pelo pensamento existencialista de Sartre, se não atesta a tese da interdependência dos registros expressivos, ao menos explicita o pressuposto da insuficiência da linguagem filosófica.

Mas voltemos a Nietzsche. O filósofo atribui à

8 *Idem, Ética e literatura em Sartre: Ensaios Introdutórios*, p. 242

9 *Ibidem*, p. 12.

10 *Ibidem*, p. 13.



música o papel de expressar tragicamente o mundo, ou melhor, a música é entendida como a pura expressão do mundo. Aceitando esse pressuposto é “*somente como um fenômeno estético que a existência e o mundo aparecem como legitimados*”¹¹. Em outras palavras é só enquanto fenômeno estético que se atribui sentido à vida, e que assim, talvez tenhamos que encarar a vida como a criação de uma obra de arte. Portanto, a arte é a única “*capaz de converter aqueles pensamentos de nojo sobre o susto e o absurdo da existência em representações com as quais se pode viver*”¹².

Se, como aparece no início deste texto, não há separação entre vida e pensamento, então temos que encarar o pensamento também como a criação de uma obra de arte, tal como no espírito trágico descrito por Nietzsche. Sendo assim, o que se busca ao usar a expressão “*pathos filosófico*” é resgatar a “*sabedoria dionisiaca instintiva e inconsciente na linguagem da imagem*”¹³, ou seja, defender que é através da imagem “*não-racional*” da arte que a filosofia comunica o “*incomunicável*”.

Se pensarmos essa compreensão dentro da produção filosófica, podemos dizer que existem filósofos que buscam privilegiar a objetividade da linguagem científica, e outros que, por sua vez, privilegiam o *pathos* filosófico descrito, como forma de realizarem sua filosofia. E é nesse segundo modo de fazer filosofia que Nietzsche se encontra.

Para os pensadores que transitam entre a objetividade do discurso científico e a sensibilidade do *pathos* filosófico, ou melhor, que compreendem que não há separação entre esses dois âmbitos, a expressão puramente lógica não dá conta do seu pensamento e

por isso há a necessidade de introduzirem elementos afetivos, característicos do discurso artístico.¹⁴ Para ficarmos no exemplo de Nietzsche, quem é capaz de negar o alcance expressivo de sua filosofia que se apresenta através de aforismos que muitas vezes estão mais para a poesia do que para a filosofia, ou ao menos, em relação aquilo que tradicionalmente entendemos por filosofia.

Para ilustrar essa tese não é ocioso citar integralmente o aforismo §341 de *A Gaia Ciência*, por, sua qualidade estética e por sua capacidade de expressar o “*incomunicável*” a que nos referimos no decorrer desta reflexão:

O mais pesado dos pesos. – E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: ‘Esta vida, assim como tu a vives e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e grande em tua vida há de retornar, e tudo na mesma ordem e sequência – e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez – e tu com ela, poeirinha da poeira!’ – Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: ‘Tu és um deus, e nunca ouvi nada mais divino!’ Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria

11 NIETZSCHE, *Op. Cit.*, p. 21, §24.

12 *Ibidem*, p. 9, §7. Evidentemente não ignoramos os pressupostos cosmológicos da afirmação nietzschiana, ou seja, de que a música é a manifestação *metafísica* do *páthos* filosófico, no entanto, basta-nos aqui aproveitar o gancho sugerido pela formulação de Nietzsche para nos voltarmos para a educação na atualidade.

13 *Idem, Ibidem*, p. 17, §16.

14 Faz-se necessário frisar que no caso de Sartre, exposto acima, essa relação não se dá exatamente como apresentado. Para o filósofo francês o registro filosófico e o ficcional não se misturam, no entanto, e justamente por isso, eles mantêm entre si uma relação de mútua complementaridade, e isso se deve exatamente pela dupla insuficiência que os caracteriza.



*e talvez te triturasse; a pergunta diante de tudo e de cada coisa: 'Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?' pesaria como o mais pesado dos pesos sobre teu agir! Ou então, como terias de ficar de bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada mais do que essa última, eterna confirmação e cancela?'*¹⁵

Portanto, se retomarmos nossa tese, o referido resgate da dimensão intuitiva da expressão humana não significa apenas abordar as questões afetivas ou que dizem respeito à sensibilidade, mas também, e principalmente, incorporá-las no interior da racionalidade como elemento de interpretação do mundo e da vida.

E é fundamental, nesse sentido, dizer que não se trata de entender a arte como porta de acesso ao pensamento, como uma forma de ilustrar teses filosóficas, e sim, cabe reforçar, como forma de expressar para além do que a linguagem objetiva é capaz. Assim, não é que Nietzsche diz sua filosofia através da poesia implícita em seus aforismos, mas que seu pensamento é a própria poesia em forma de aforismos.

Posto estes pressupostos é relevante conduzir esta breve reflexão para o plano da educação, para tanto, cabe remetermo-nos a mais uma citação de Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, aforismo §18:

Todo nosso mundo moderno está preso na rede da civilização alexandrina e **conhece como ideal o homem teórico**, equipado com os máximos poderes de conhecimento, trabalhando a serviço da ciência, cujo protótipo e ancestral é Sócrates. Todos os nossos meios de educação têm em vista, primordialmente, esse ideal. [...] ¹⁶

Esta citação interessa ao nosso estudo, principalmente, porque introduz a crítica de Nietzsche à figura do "erudito". Para o filósofo, essa educação pautada pelo ideal do homem teórico busca "adestrar" o jovem para ser erudito, ou seja, o educa para a "prova de filosofia", para que ele se torne um professor de história da filosofia, um reproduzidor do pensamento tradicional, e não para a prática filosófica, para uma filosofia da (e na) vida. Desse modo, o erudito é entendido como o reproduzidor do pensamento acumulado ao longo dos anos pela tradição filosófica ocidental tendo como função reproduzi-lo e passá-lo adiante.

Para corroborar essa tese é relevante de citar, uma vez mais, um trecho, mesmo que um tanto longo, de *Schopenhauer como Educador*, §8 de *Considerações Extemporâneas*:

E, por fim, em que nesse mundo importa aos nossos jovens a história da filosofia? Será que eles devem, pela confusão das opiniões, ser desencorajados de terem opiniões? Será que devem ser ensinados a participar do coro do júbilo: como chegamos tão esplendidamente longe? Será que, porventura, devem aprender a odiar ou desprezar a filosofia? Quase se poderia pensar este último, quando se sabe como os estudantes têm de se martirizar por causa de suas provas de filosofia, para imprimir as idéias mais malucas e mais espinhosas do espírito humano, ao lado das mais grandiosas e mais difíceis de captar, em seu pobre cérebro. A única crítica de uma filosofia que é possível e que, além disso, demonstra algo, ou seja, ensaiar se se pode viver segundo ela, nunca foi ensinada em universidades: mas sempre a crítica de palavras com palavras. E agora pense-se em uma cabeça juvenil, sem

15 *Idem*, *A Gaia Ciência*, §341, p. 230.

16 *Idem*, *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, p. 17 e 18, §18. Grifo nosso.



muita experiência da vida, em que cinquenta críticas desses sistemas são guardados juntos e misturados – que aridez, que selvageria, que escárnio, quando se trata de uma educação para a filosofia! Mas, de fato, todos reconhecem que não se educa para ela, mas para uma prova de filosofia: cujo resultado, sabidamente e do hábito, é que quem sai dessa prova – ai, dessa provação! – confessa a si mesmo com um profundo suspiro: “Graças a Deus que não sou um filósofo, mas cristão e cidadão do meu Estado!”¹⁷

Dessa reflexão Nietzsche lança uma crítica crucial – e talvez hoje mais do que nunca – ao papel do Estado dentro do processo educacional: E se “a ‘educação para a filosofia’, em vez de conduzir a ela, servisse para afastar da filosofia?”¹⁸

Mas não nos deteremos nesta crítica, pois não diz respeito diretamente ao tema desta reflexão, embora esteja a ela relacionada, e além disso, ela nos parece autoevidente. Cabe retomar, por fim, o papel do *pathos* filosófico, no entanto agora no âmbito educacional.

Fica claro que o ideal de homem teórico descrito por Nietzsche e que foi eleito como o ideal de educação dentro da tradição ocidental remete ao que chamamos de discurso normativo do *lógos* racional, ou seja, o homem teórico é o homem científico, racional e objetivo, é, portanto, o erudito.

Daí a relevância de nos recolocarmos o problema: não é chegada a hora de retomarmos essa dimensão negligenciada pela tradição racionalista? Talvez, portanto, devêssemos resgatar a intuição e a espontaneidade como princípios fundamentais para uma educação para a vida. Uma educação para a vida é aquela que não se pauta por nenhum ideal e que, ao contrário,

busca na força criadora-afirmativa um instinto básico e completamente imprevisível que encare a educação, assim como a própria vida, como ato criador, tal como acontece com a criação de uma obra de arte.

Uma educação encarada como criação se apresentaria como uma espécie de antídoto ao cientificismo corrente dentro de nossa tradição. Assim, uma instrução artística – que talvez também pudesse ser chamada de dionisiaca –, resgataria a beleza e o sentido dado à existência. E o mais importante, e que é um dos pontos em que a arte mais se diferencia da ciência, é que a arte apresenta uma imagem da vida como um todo. Portanto, o filósofo é aquele que afirma a vida em seu conjunto, é aquele que lê sua própria vida na imagem da vida em sua totalidade. Ou então, aproveitando a imagem utilizada por Nietzsche, enquanto o erudito olha para um quadro e vê as tintas, a técnica utilizada, e os materiais, o filósofo vê a “*pintura universal da vida e da existência*” em seu todo.

Mas o que possibilitaria essa educação dionisiaca? Ora, se é através do *pathos* filosófico que a “*sabedoria*” se mostra de forma “*dionisiaca instintiva e inconsciente na linguagem da imagem*”, então é preciso encarar a educação e a cultura como sendo inseparáveis. É preciso que a educação esteja de tal modo integrada a cultura que esta possa fomentar naquela um desenvolvimento sadio e afirmador da própria vida.

Encarar a educação e a cultura como inseparáveis significa trazer a arte, em especial no diz respeito à criação, para o “ambiente escolar”, ou seja, fazer da educação um ato criador no qual cada sujeito é autor de sua própria formação, caracterizando um processo de formação de si de forma criativa e autônoma, nesse sentido, o professor não passaria de um provocar e de um interlocutor.

Por fim, retornando as questões levantadas no início desta reflexão e que remetem aos princípios

17 *Idem*, *Schopenhauer como Educador*, §8, p. 81.

18 *Ibidem*.



apolíneo e dionisíaco do saber humano. No qual Apolo representa o *lógos* racional, as formas, os limites, enquanto que Dioniso representa o *pathos* filosófico, o instinto, o impulso, a embriaguez. E é da síntese destes dois princípios que surge o saber humano. No entanto, para Nietzsche, houve um descompasso entre esses dois princípios, e a tradição ocidental privilegiou a racionalidade em detrimento do instinto, como consequência herdamos uma educação enferma e que, por consequência, só pode gerar “doentes”.

Deste quadro ecoam as questões: quais são os limites da linguagem filosófica? Só existe verdade dentro do discurso científico? Até que ponto essa objetividade científica dá conta de expressar o pensamento filosófico e, em última instância, a vida? E ainda, é possível ensinar filosofia ou só a filosofar? Isto é, se colocamos a filosofia como algo já construído, cristalizado, não impossibilitamos ao estudante de filosofia aquilo que caracteriza a própria prática filosófica?

É nesse sentido que acreditamos que o *páthos* filosófico representa uma alternativa dentro do processo de formação, resgatando a intuição e a subjetividade como fonte de acesso a uma educação que prepare para a vida e não apenas para a teoria. Transformando todo impulso vital em técnica e erudição, a educação nega aquilo que o homem tem de mais nobre que é a sua essência fundamental, a “vontade de vida”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Danilo Di Manno de. **Subjetividade e Discurso da Qualidade Educacional**: Contra a Difamação do Docente. Revista do COGEIME, Local, v. 14, p. 95-105, 2005.
- DIAS, Rosa Maria. Cultura e Educação no Pensamento de Nietzsche. **Impulso**, Piracicaba, v.12, n. 28, p. 33-40, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música**. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores)

_____. Schopenhauer como Educador. In: **Considerações Extemporâneas**. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores)

_____. **A Gaia Ciência**. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. “Les Écrivains en Personne”. In: **Situations IX**. Paris: Gallimard, 1972.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e Literatura em Sartre**: Ensaio Introdutório. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. “Romance e Filosofia no Existencialismo de Sartre”. In: **Leituras, artes, saberes**. Organização de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: ABRALIC, 2008.